

JURUNA

O cacique Mário Juruna vai se tornar autor de livro — ainda sem título — a ser lançado em outubro. O texto, extraído de conferências e depoimentos que o cacique prestou em Porto Alegre, no ano passado, está sendo preparado pelos jornalistas Assis Hoffmann e Antônio Hohlfeldt. Da parte já concluída, extraímos este trecho, que oferecemos aos nossos leitores.



"(...) Não é que branco tenha mais sabedoria que índio não é. Índio sabe também, ele vive com o pensamento dele, ele tem sabedoria da própria vida dele. Só não sabe explicar com palavras. Porque foi muito difícil aprender a linguagem do branco (...)"

(...) Eu lembro a vocês: nós devemos lutar juntos. Nós temos o direito de proteger nosso direito. É importante que nós, que queremos defender nosso irmão, o brasileiro, nós que queremos aceitar o índio, e nós, que queremos respeitar a terra dele, não devemos procurá-lo para tirar a terra dele, como já aconteceu várias vezes.

O Governo, há oito anos passados, quis criar um parque do Estado para o índio. Para todo o índio, para todo o Brasil. Então, por que o Governo pensa isso? Isso é a mesma coisa que se pensasse: vamos matar pessoal, vamos acabar nação. É a mesma coisa.

Parece que Governo pensa que criando reserva para índio, nós vamos viver muito bem. Ele acha que nós vamos nos entrosar bem com outra tribo. Então, se eu não tivesse assumido o cargo de cacique em meu tempo, nove anos atrás, o Governo já tinha tirado índio de São Marcos.

Já tinha tirado todo o índio brasileiro para poder criar Estado para ele lá no Parque do Xingu, na Amazônia. O Governo só pensa em tirar o índio para mandar lá para a Amazônia.

Então, o pensamento deles era esse. E muita gente fazendeira também procura o Governo Federal para tirar o índio. Muito índio aqui eu visitei, lá no Sul de Mato Grosso, onde fazendeiro tinha arrumado dez gaiolas para levar o índio guarani para o Paraguai.

E por que a gente faz isso? Isso que essa gente está fazendo é covarde. Essa gente que está fazendo isso, não está respeitando o índio. Essa gente que está fazendo isso, não tem consciência.

Eu não quero saber a cara do índio. Coitado do índio, não sabe se defender. Mas graças a Deus eu estou enfrentando a todos eles à frente da comunidade indígena.

Cada vez mais nós devemos querer respeitar o índio. E nós queremos usar a palavra de índio? Nós precisamos respeitar a palavra do índio. Só porque o homem branco tem mais sabedoria que índio, vai jogar índio como um pedaço de boia?



Não é isso. Não é que o branco tenha mais sabedoria que índio, não é. Índio sabe também, ele vive com o pensamento dele, ele tem sabedoria da própria vida dele. Só não sabe explicar com palavras. Porque foi muito difícil para aprender a linguagem do branco.

"(...) Eu não gosto de mentir. Por que eu vou aprender a mentir? Eu não nasci para aprender a mentir (...)"

No início, eu nunca soltava a minha palavra, nunca soltava a língua. Eu pelejava, pelejava, para poder aprender. Eu me interessava em ajudar o meu irmão brasileiro. Porque eu me lembro muito bem que índio já foi massacrado. O índio já sofreu na terra dele. Já foi afastado e muita gente já matou índio.

Então, por isso, eu quero deixar minha fruta para outras cinquenta gerações do índio. Então, o próprio índio tem que se defender, não é a Funai que vai defender, não é o Governo, não é o Estado.

Ninguém quer saber da vida do índio. Ninguém quer saber de criar terra para o índio. Então, nós somos empregados, nós somos empregados. Nossa tribo indígena pensa que pode ser empregada pelo brasileiro branco. Mas nós não somos empregados, nós já vivemos aqui há muito tempo, bem antes dos portugueses. Nós somos moradores muito velhos. Por isso, tem

que nos respeitar, tem que nos aceitar. Tem que aceitar a palavra do índio. Se o índio disser, está dito. Se o índio falar, tudo bem. É a palavra que a gente usa, não precisa mudar nada.

Essa mudança de papel é mudança de vocês. Se algum de vocês criar um papel e amanhã mudá-lo, não está certo. Vai, muda, desmancha a papelada e faz outra. Mas a palavra do índio não é assim não, ouviu? Porque a palavra de índio é uma vez só. É correta. É justa. Por isso ele não engana ninguém.

Eu não quero explorar vocês, eu não quero mentir para vocês. Eu não gosto de mentir. Por que eu vou aprender a mentir? Eu não nasci para aprender a mentir. Eu aprendi o justo, a ser honesto, me creiei muito bem. Até hoje, há mais de 20 anos que eu estou vivendo junto do branco e nunca menti nada a qualquer um de vocês.

Mas eu estou explicando, estou fazendo isso, para muita gente ficar sabendo. E muita gente vai ficar revoltada. Quem vai ficar revoltado, quem vai ficar com raiva, vai parecer que quer me matar. Que está querendo me tirar a chefia da comunidade.

"(...) isso que estou falando vai doer para todo mundo que está vendendo, que já explorou a terra do índio (...)"

A própria Funai vai ficar com raiva. Há gente que acha, há gente que pensa que eu sou louco. Eu não sou louco, não. É graças a Deus eu ando com a minha consciência limpa. Eu vivo junto com o índio e procuro defender o índio. Porque isso que eu estou falando, que eu estou explicando, vai doer para todo mundo. Vai doer para todo o mundo que está vendendo, que está vendendo, que já explorou a terra do índio.

ra na cidade não conhece a história do índio, a necessidade do índio. Há gente que fala que nós estamos vivendo muito bem. Não é. A gente fala o contrário. Parece que, quanto ao serviço da Fundação (Nacional do Índio), há muita gente que acha que a Funai está muito bem, que quer proteger o índio. Mas a metade protege. Há muito mais gente que não faz isso. É pouca coisa o que essa gente está fazendo. Parece muita coisa mas não é nada.

Então, se nós queremos entender, primeiro vamos discutir o problema da Funai. Eu já falei sobre a comunidade indígena. Eu quero pedir a vocês: vamos criar mais grupo, vamos procurar mais o índio, vamos conversar mais com o índio. Não adianta procurar a Funai. Não adianta procurar o chefe do posto. Quem entende o problema do índio é o chefe da comunidade. Se vocês quiserem, vocês devem procurar os chefes de comunidades. Quem manda dentro da aldeia é o chefe da comunidade.

"(...) A FUNAI tem que ouvir o chefe da comunidade. É o índio que entende o problema dele. É o índio que sabe da fome (...)"

Eu não sei como é que os índios aqui de Porto Alegre vivem: Terena, Kaingang... Porque eu ainda não tinha visitado aqui. Mas no Sul de Mato Grosso, o índio é mandado pelo chefe de posto. E onde não existe o chefe da comunidade. É índio mandado pelo chefe da Funai. E quando índio quer resolver alguma coisa na cidade, quer procurar autoridade, a Funai quer fazer medo para o chefe da comunidade.

O chefe da comunidade não vai sair porque a Funai é quem manda. Dentro da minha área, no Norte de Mato Grosso, isso ainda não

aconteceu. Quem manda dentro da comunidade é o índio. A Funai tem de ouvir o chefe da comunidade. Não tem nenhum melhor que o índio. É o índio que entende o problema dele. É o índio que sabe da fome. O índio já reconheceu que tem fome, já reconheceu que é massacrado. A Funai não reconheceu. A Funai não sofre de fome junto com o índio.

Quem conhece a fome, é massacrado, é empurrado, é o índio. Ele é que quer explicar como é que foi o negócio, como foi o andamento e o tratamento do índio. E nós podemos explicar para vocês, para todo o público. Para todo o público entender.

Não é a Funai que entende o problema do índio. Ninguém pode entender isso melhor que o índio. Eu sei, por exemplo: vamos botar grupo, vamos botar cidade aqui. Eu não vou procurar encarregado de seu grupo. Eu devo procurar o chefe deste grupo para poder explicar melhor que outro porque pertence a esta cidade. É isso que a gente tem de pensar para poder procurar o índio, para conversar com ele pessoalmente.

Eu não sei como é que a gente não está podendo usar a terra. Eu fico muito aborrecido, muito chateado com o problema. Eu soube que chamam de "patrimônio da União". Eu não aceitei nada, eu não gostei nada que a Funai use o nome de "patrimônio da União". Então nós estamos vivendo, nós estamos aproveitando a reserva como empregados? Nós temos de tomar conta da terra para o patrimônio da União? Por que não pode passar para o nome do índio?

Isso é o que me revolta. Porque nós brigamos com o fazendeiro, brigamos com o possessor, porque nós temos de tirar o fazendeiro da terra e na hora de tirar ninguém apoia a comunidade, mas na hora de sair já vem o nome de "patrimônio da União".

"(...) Até eu mesmo tenho problemas com a FUNAI, eu atrapalho a vida da FUNAI. Eles me atrapalham, eu atrapalho a vida deles (...)"

Não tem nada do índio, não? Então, nós somos empregados, nós somos instrumentos para a Funai. E nós devemos estudar sobre a Fu-



na. Nós temos que procurar criar outra repartição. Eu quero avisar a todo mundo: nós vamos procurar quem foi criado junto com o índio, quem já conhece o problema do índio. E nós não podemos aceitar esse pessoal que está aposentado.

Não adianta eles ganharem salário, não adianta ganhar dois salários mínimos à custa do índio, se essa gente que mora no Rio de Janeiro, está aposentada, não conhece nada a linguagem do índio, não conhece nada a mentalidade do índio. Eles vêm ocupar o gabinete onde outra gente que gosta do índio trabalha.

(...) Por que essas pessoas foram despedidas? Porque essas pessoas atrapalhavam a vida da Funai. Até eu mesmo tenho problemas com a Funai, eu atrapalho a vida da Funai. Eles me atrapalham, eu atrapalho a vida deles. Eu não acho que essa gente continue lá para proteger o índio. Eu tenho conhecido uma quantidade de brasileiros que querem trabalhar com os índios. Mas até esse pessoal que é o próprio amigo do índio tem que pedir licença à Funai. A Funai não deixa visitar a área do índio. Só ela quer visitar. Parece que a Funai é produtor da tribo de índio, parece que ela é quem manda no índio. Parece que esse pessoal fica com a chave e não deixa ninguém entrar na terra do índio.

Todo brasileiro tem que procurar a comunidade indígena para poder perceber o sentimento do índio, para poder sentir o sentimento do índio. Como é que nós, não procurando outra tribo, não procurando outro índio, poderemos nos entender. Como é que nós vamos ajudar o outro? Por que a Funai não aceita o outro, também? Porque muita gente traz recomendação da tribo para a cidade, metendo o pau na Funai.

E por isso que a Funai não deixa visitar a tribo. Querem cobrir o defeito dela, querem tapar o defeito, que ela está fazendo com o índio. Esse é o fato que eu sei. Eu vivo junto com a Funai, eu vivo junto com o branco, por isso eu entendo três coisas: entendo costume da Funai, do branco e da tribo. Eu conheço a vida da tribo, eu conheço a vida do branco, eu conheço o serviço da Funai (...)

"(...) A gente pensa com a nossa cara. Se eu sou homem, não posso mentir. Eu não tenho defeito, por que eu vou mentir? (...)"

(...) A gente devia ter protegido mais índio, mas infelizmente o índio não foi bem protegido, não foi bem ouvido. Hoje a gente quer conversar com a Funai, mas a conversa vai ficar do outro lado, ouvindo. Essa gente tampa o ouvido, mas precisa ouvir índio. E por que não pode ouvir? O general, o coronel, o ministro, todo o mundo quer apoiar. Mas nenhuma pessoa, nem a Funai, dá valor à palavra do índio. É gente que brinca com a palavra do índio. E gente que enche a paciência do índio, enche a cabeça dele. É gente que só sabe enganar o índio, só sabe enrolar o índio, só sabe mentir para o índio.

Por que essa gente aprende a mentira, sendo homem grande? Por que essa gente se acostuma à maquiagem? Por que essa gente inventa a mentira? Por que essa gente inventa de enrolar o outro? Como é que essa gente anda com a cara bonita, anda bem arrumada, como é que essa gente que é bonita, vive mentindo desse jeito?

A gente pensa com a nossa cara. Se eu sou homem, não posso mentir. Eu não tenho defeito, por que eu vou mentir? Puxa vida, se nós não aprendemos a mentira, isso é coisa bonita, é diferente.

Nós vivíamos mais contentes do que hoje. Nós abraçávamos o outro, e nós não matávamos o outro. Nós aceitávamos o outro, era um mundo diferente. Se nós pulávamos de contentes, era porque a gente estava vendo a alegria do povo. Mas depois da alegria veio muita tristeza para a nação e os brasileiros. (...) Agora eu vou explicar também que foi há dois anos passados que a gente está fazendo processo contra fazendeiro que matou índio Bororo e o padre Rodolfo (?) que foi morto junto com o índio. Parece que esse fazendeiro não vai ser processado. Parece que o sangue do índio não custa nada. Parece que o Governo está sustentando a mulher do índio, o filho do índio.

Por que o Governo não toma atitude mais séria, lei mais séria para todo mundo? Por que se cria lei para pobre, não pode criar a lei para branco? Se criasse lei para todo mundo, nós éramos obrigados a ficar presos. Mas por que só cria lei mais depressa para pobre? Quando um pobre briga com um companheiro, machuca um pouquinho, dá facada, ele vai logo para

cadeia. Esse é o processo do pobre. Quando um fazendeiro mata outro, não vai preso. O processo dele se estuda, leva tempo, leva dois anos, três anos, cinco anos, e todo mundo vai esquecendo. Por que o Governo não pode criar uma lei mais forte, mais positiva, mais correta?

"(...) A gente chega aqui e não percebe quem é coronel, quem é general, quem é advogado, quem é deputado. Índio não percebe nada quem está no poder (...)"

(...) Por que o Governo faz isso? Por que ele não pode criar lei forte? Por que não cria uma lei positiva para nós? Até eu mesmo, mandando matar um outro, devo ser preso também. Porque eu fiz mal, porque matei outro, devo ser obrigado a ser preso. E qual a diferença na lei que existe aqui no País? Parece que a cadeia foi feita para nós. Foi feita para gente pobre, não foi feita para gente rica. Porque gente rica "é mais importante" que nós. É mais justa que nós, o pobre não é justo. O pobre não é importante, não é perfeito, então por isso só existe cadeia para nós, para gente pobre. Quando gente rica mata outro, não vai ser presa. A cadeia dele é o processo, que as pessoas estudam, fazem levantamento, vai estudando, levantando, vai amontoando papel sem acontecer nada.



Então, é isso que você deve pensar, deve estudar. Nós que temos nossa consciência, devemos lembrar nossa tribo. Porque nós não podemos diminuir nossa comunidade indígena. Nós vamos procurar conversar com o índio, conversar com carinho, conversar a esse respeito com os índios. Porque índio não conhece a mentalidade do homem branco. Índio é diferente. Índio foi criado no sertão, não conhece, nunca existiu a lei do branco para ele. Por isso temos que procurar conversar com índio, vamos entender os sentimentos dele. Vamos usar os costumes do índio.

Não adianta matar índio assim, de repente, sem motivo. A gente tem que procurar para ver, para descobrir mais verdade.

Então, vocês devem entendê-lo, devem compreendê-lo. Porque índio não conhece os costumes brancos. A gente chega aqui e não percebe quem é coronel, quem é general, quem é advogado, quem é deputado. O índio não percebe nada quem está no poder. Ele pode mandar castigar de repente e matar a pessoa.

Ele não foi preparado sobre a autoridade, não pensa quem é a autoridade. Índio briga assim de repente. Eu posso morrer e ele não vai reconhecer que eu sou chefe da comunidade. Ele pode me matar sem saber. Essa é a mentalidade do índio, só de brigar, não de pensar. Por isso a gente tem que tratar o índio com paciência. E nós temos que entender o problema do índio, não devemos ficar chateado com o índio e nem devemos procurar levar a vingança para o índio.

Este é o meu pensamento de irmão

"(...) Nós vivíamos mais contentes que hoje. Nós abraçávamos o outro, e nós não matávamos o outro. Nós aceitávamos o outro, era um mundo diferente (...)"